

NASCIMENTO, M.; RIBEIRO, R. – A síndrome metabólica na esquizofrenia: Uma revisão não sistêmica. – **Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca**, Vol.10, Nº 2, dezembro, 2012, p. 72 – 90,

REIS, Claudia P. de S.; MARQUES, T. R. **Dicionário de saúde ilustrado**. São Paulo: Martinari, 2013.

Remington, J. P. *et al.* – **A ciência e a prática da farmácia**. 20º ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2000.

SCHMITZ, A. P.; KREUTZ, O. C.; SUYENAGA, E. S. – Antipsicóticos Atípicos Versus Efeito Obesogênico Sob a Óptica da Química Farmacêutica. – **Electronic Journal of Pharmacy**, vol. 12, Nº. 3, p. 23-25, 2015.

JOHN, M.; BEALE, J.; JOHN, H. **Textbook of organic medicinal and pharmaceutical chemistry**. ed. 12ª, 2011.

Sonia Maria da Fonseca Souza¹, Helenita da Silva Franco Crespo¹, Laís Abreu de Oliveira¹, Moacir Ferreira Paixão¹.

1-Centro Universitário São José de Itaperuna, Itaperuna, Rio de Janeiro, Brasil.

Autor Correspondente

Prof.^a Sonia Maria da Fonseca Souza

E-mail: sonifon@superig.com.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo observar o uso do livro didático associado ao ensino de inglês instrumental na escola pública. Ao se analisar o ensino de língua inglesa no contexto educacional atual pode-se observar que o livro didático se constitui um recurso motivacional de relevância no processo ensino-aprendizagem, uma vez que é preciso dinamizar os conteúdos trabalhados em sala de aula, tornando esse processo mais prazeroso, envolvente e eficaz na aquisição de conhecimentos. Nesse sentido este trabalho fundamenta nas concepções de alguns autores, como: Moacyr (1936), Demo (1993), Castro (2005), entre outros. Portanto, o estudo encerra-se considerando que o livro didático se tornou um recurso que está presente diariamente na vida dos professores, a partir desse pressuposto surgiu o interesse em investigar até que ponto esse material exerce influência do saber do professor e quais seriam suas possíveis relações.

Palavras-chave: Livro Didático. Inglês Instrumental. Escola Pública.

ABSTRACT

This article aims at observing the use of the textbook associated with the teaching of English for Specific Purpose in public school. When analyzing the English language teaching in the current educational context it can be noted that the textbook constitutes a motivational resource relevance in the teaching-learning process, since it is necessary to streamline the contents dealt in class, making this process more pleasurable, engaging and effective in acquiring knowledge. In that sense this paper is based on the ideas of

some authors, such as: Moacyr (1936) Demo (1993), Castro (2005), among others. Therefore, the study concludes by considering that the textbook has become a feature that is present every day in the lives of teachers, from that assumption became interested in investigating the extent to which this material influences the knowledge of the teacher and what their possible relations.

Keywords: Textbook. Instrumental English. Public school.

1-INTRODUÇÃO

A utilização do livro didático em sala de aula sempre trouxe um dilema para o professor e para o aluno. A eficácia e os benefícios deste recurso didático sempre foram desacreditados e carregados de dúvidas. A partir desta premissa, o presente trabalho propõe o esclarecimento de algumas questões relacionadas ao uso do livro didático associado ao ensino de inglês instrumental na escola pública. Sabe-se que motivar o aluno, tem sido parte essencial ao professor de Língua Estrangeira, bem como utilizar métodos que sejam como elo entre o aluno e o processo de aprendizagem torna-se imprescindível. Diante deste pressuposto, justifica-se esta pesquisa que objetiva verificar se o uso do livro didático associado ao ensino de inglês instrumental na escola pública favorece o processo de aprendizagem de Língua Inglesa.

Para a realização desta pesquisa, realizou-se várias leituras de autores que dissertam sobre o assunto vigente. Os teóricos que fundamentaram este estudo foram Moacyr (1936), Lajolo (1996), Castro (2005), que descreveram a história do livro didático de inglês no Brasil. Faz-se também por uma breve discussão sobre o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) relatam a respeito da prática do uso do livro didático no ensino de Língua Estrangeira e a relação do professor de inglês com o livro didático.

Ao finalizar o trabalho, busca-se uma visão sobre o livro didático em sala de aula, destacando que na atualidade existem novos mecanismos didáticos, devendo ser aprimorados, como em questão o livro didático, para que haja provocação e entusiasmo em sala de aula, deixando o aluno mais acessível para a aprendizagem de uma nova língua.

2-A HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO DE INGLÊS NO BRASIL

Nos dias atuais o livro didático (LD) tem possibilitado a criação, a transmissão, e a obtenção de informações. Na cultura brasileira, a utilização do livro educativo tem

sido crescente. Esta circunstância permite que o mesmo "acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva 'o que' se ensina e 'como' se ensina" (LAJOLO, 1996).

Em virtude da importância que o LD atingiu aos olhos do público, hoje, particularmente o LD de Inglês, devemos fazer um breve histórico de sua utilização no Brasil. Os primeiros métodos de ensino foram aplicados através dos jesuítas que exerciam direitos na didática brasileira entre os séculos XVI ao XVIII. Neste entrecho, os livros utilizados na alfabetização eram inseridos no país com demandas de evangelistas. Eles eram provenientes da Europa, escritos em latim. No entanto, nem todos os evangelistas/missionários sabiam a língua latina. Isso gerou uma contrariedade, e se exigiram livros escritos em diferentes dialetos.

De acordo com Castro (2005), no ano 1593, o padre João Vicente Yate requereu a Lisboa livros escritos em diferentes línguas, especialmente inglês e espanhol. Devido ao fato de que o Brasil não tinha uma conjuntura propícia para a criação de livros, logo, a importação destes permaneceu até o século XIX, em toda a Europa, particularmente na França e Portugal.

Os livros didáticos franceses foram mais requisitados já que a França era considerada a capital da contemporaneidade naquela época. O dialeto francês foi visto como o "a língua universal" e obrigatória na inserção da educação superior. Com a chegada da família real no começo do século XIX e a fundação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro em 1808, os problemas de impressão de LD no Brasil foram exauridos e logo surgiram os primeiros livros impressos em território brasileiro por essa tipografia (CASTRO, 2005).

A inserção do Inglês no Brasil teve início com D. João VI, e se deu com a abertura dos portos brasileiros, em 1808, e o incremento nas relações de troca do país Português com o Inglês. D. João VI decretou em 22 de junho de 1809, a primeira Cadeira de Inglês no Brasil, com a motivação por trás do "aumento e prosperidade da instrução pública" (MOACYR, 1936, p. 61).

O principal educador de Inglês no Brasil que se tem notícia foi o ministro irlandês Jean Joyce, nomeado em 09 de setembro de 1809. Em 2 de dezembro de 1837, o executivo agindo Bernardo Pereira de Vasconcelos criou o Colégio Pedro II, que foi a primeira fundação instrutiva auxiliar. O Inglês, portanto, tornou-se parte do currículo educativo oficial das escolas secundárias (OLIVEIRA, 1999, p. 29).

Em uma análise mais recente, a publicação da última Lei de Diretrizes e Bases (LDB) - 9.394/96 tornou o ensino de línguas estrangeiras, obrigatório a partir da 5ª série (atualmente 6º ano) do Ensino Fundamental e em todo o Ensino Médio, resgatando deste modo, a importância da língua estrangeira no contexto escolar brasileiro.

2.1-Os parâmetros curriculares nacionais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) debatem todos os assuntos relevantes ao ensino da Língua Estrangeira: tudo o que acerca uma educação, que beneficie a aprendizagem do aluno, como as habilidades comunicativas e a ampliação cultural. Os PCN orientam que sejam trabalhadas em sala de aula as três habilidades primordiais: a fala, a leitura e a comunicação, como se observa a seguir:

Utilizar as diferentes linguagens - verbais, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p.08).

A partir desta orientação conclui-se que o livro se converte em um método essencial para o ensino de Língua Inglesa, atentando para o fato de que este recurso didático nos possibilita trabalhar as três habilidades exigidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de forma competente e, ainda assim, divertida e descontraída em sala de aula. Assim, não é necessário ater-se somente aos antigos métodos de ensino, que somente privilegiavam a gramática e provocavam desânimo ao aprendiz de outro idioma. Nesse sentido, os PCN possibilitam e veem os benefícios que a interação do livro pode carregar no ensino de Língua Estrangeira.

3- O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA

Atualmente, existe uma extensa lista de materiais pedagógicos de língua inglesa que podem ser usados pelos professores ou alunos, como, por exemplo: livros didáticos, paradidáticos, jornais, revistas, dicionários, jogos educativos.

De certa forma, a maioria dos professores prefere adotar o livro didático para facilitar o ensino e aprendizagem. Nas escolas públicas esse material pode ser escolhido pelos professores ou pela equipe pedagógica da escola. Em outras escolas, a escolha

competete ao diretor ou o coordenador pedagógico. Existem também os casos de cursinhos particulares ou escolas privadas que adotam o uso de apostilas e/a material didático das empresas franqueadoras.

Segundo Demo (1993, p. 109), “Como o melhor livro didático é o professor, parece correta a expectativa de que escolha o livro que vai usar. Todavia, a capacidade de escolha supõe competência técnica considerável, a par do conhecimento do leque de ofertas.” Sendo assim, o professor precisa se atualizar a todo instante principalmente quando for validar sua escolha usando sua sabedoria para distinguir os títulos que irão ser usados, afinal o mercado oferece um leque de variedades didáticas para serem adotadas.

Por outro lado, existem professores que, ao invés de adotar o livro didático, optam usar o livro de suporte para organização de suas aulas. Sendo assim, não são obrigados a seguir rigorosamente esse material podendo buscar outras informações em outros tipos de materiais. Há, ainda, professores que se quer buscam suas atividades em livros didáticos preferem criar ou montar seu próprio material.

No entanto, como salienta, pois (DEMO, 1993) entende-se que o livro didático é indispensável no âmbito escolar, esse material precisa ser utilizado de forma correta e que melhor atenda as necessidades do professor, entretanto não existe material perfeito, não existe um livro que atenda todas as necessidades de cada professor, ele irá adaptar a realidade de cada turma, portanto o livro didático assume um papel importante quando se trata de ensinar uma língua estrangeira. Desse modo, destaca-se que:

Todos os apoios didáticos, importantes entre si, dependem da capacidade do professor, inclusive do aproveitamento das adequações físicas dos estabelecimentos, do material escolar etc. O único livro didático insubstituível é o próprio professor. Deve estar de tal modo bem formado, que, se necessário for, ele mesmo prepara texto de português, exercício de matemática, projeto de planejamento etc. (DEMO, 1993, p.89).

Considerando que o livro didático é um recurso que está presente diariamente na vida dos professores, a partir desse pressuposto surgiu o interesse em investigar até que ponto esse material exerce influência sobre o saber do professor e qual seriam suas possíveis relações.

3.1- Estrutura do livro didático de inglês

Muitas interpretações de livros didáticos de inglês vêm sendo realizado ao longo dos anos, as quais não demonstram estar completas, uma vez que suas experiências refletem somente algumas faces deste recurso, e sequer atingem toda sua complexidade.

Silva (1998) considera que o livro didático de inglês é mais um dentre os muitos materiais de educação, bem como CDs, mapas, cartazes, vídeos, *softwares*, e outros. Assim sendo, o livro didático foi determinado, nos anos 90, como posse e manuseado pelo discente e pelo docente e, comumente, utilizado como recurso fundamental de uma aula ministrada.

Essa descrição destaca as características da utilidade do livro didático de inglês, ressaltando quem o manuseia, o aluno e o professor, o modo com que é manuseado sistematicamente, e para que fim seja manuseado como base do curso.

No entanto, esta mesma descrição não julga a abundância de causas presentes no processo iniciado na sua concepção e que se estende até a evasão de tal recurso pelo mestre e pelo aluno (CHOPPIN, 2004). Logo, não surgem, nesta descrição, o trabalho de onde se origina, e de indivíduos relacionadas a configuração, à propagação, e à venda do livro didático (CLARK, 1999).

Dessa forma acontece com outras definições que, independentemente de focarem a outros aspectos importantes além do manuseio, deixam de considerar questões que julgam relevantes.

Tomlinson (1998) define que este recurso, o livro, detém o máximo de recursos importantes para uma aula. Na compreensão deste estudioso, o livro didático de inglês tem que, necessariamente, conter gramática, vocabulário, funções da linguagem, e abranger as quatro habilidades primordiais do idioma (ler, ouvir, falar e escrever). Nesta linha de pensamento, as características da produção do livro didático são mais salientadas, já que este recurso é produzido para que seja único, devendo possuir atividades de ensino e aprendizagem.

Ademais, materiais de apoio que na atualidade fazem parte de um livro didático de inglês, tais como, CD, encartes, portfólios, livros de atividades, CD-ROM também não são mencionados, ou são tomados como partes constituintes do livro didático.

4- A RELAÇÃO DO PROFESSOR DE INGLÊS COM O LIVRO DIDÁTICO

O livro didático é um instrumento importante para o educador, pois é uma base, um fio condutor para criação de suas aulas. Ele complementa a sapiência do

professor, exhibe novos pensamentos, novas especulações, para suplantá-los, algumas vezes, mesmo que não totalmente, o procedimento que cada professor deve submeter-se de capacitação ou formação continuada. Souza (1999, p 27) destaca que:

o caráter de autoridade do livro didático encontra sua legitimidade na crença de que ele é depositário de um saber a ser decifrado, pois se supõe que o livro didático contenha uma verdade sacramentada a ser transmitida e compartilhada. Verdade já dada que o professor, legitimado e institucionalmente autorizado a manejar o livro didático, deve apenas reproduzir, cabendo ao aluno assimilá-la.

Nesse sentido, o livro didático pode ser visto como um instrumento que serve para dar uma forma ao saber. Podendo, também, complementar com a perspectiva da mesma autora supracitada: “[...] o livro didático é um elemento constitutivo do processo educacional brasileiro”, pois “não há dúvida quanto à autoridade que o senso comum tradicionalmente confere ao livro didático em contexto escolar,” (SOUZA, 1999, p. 27).

Como destacou o pesquisador Souza (1999), no contexto da instrução de língua estrangeira, o material didático tem diversas finalidades, de acordo com o sistema utilizado pelo autor. Mais do que em qualquer outra disciplina, o material didático empregado no ensino e aprendizagem de língua estrangeira tem atribuição indispensável, apesar de alguns especialistas em línguas o terem rejeitado em algumas ocasiões, como aconteceu quando surgiu o método comunicativo, por volta de 1970.

Essa atribuição indispensável do material didático não pode ser considerada como um único componente e detentor de um conhecimento inegável. Assim, o educador tem a incumbência de dar ao material didático a função que lhe é cabida por parte dos saberes e da vivência do educador e das possíveis mudanças que, eventualmente, podem acontecer na essência do material.

Com o surgimento do método comunicativo, o material didático tornou-se alvo de críticas, desse modo alguns educadores evitavam adotar apenas um único livro didático como forma de reagir aos comentários que lhe eram atribuídas por linguistas e pedagogos atentos. Segundo Coracini (1999, p. 34), o livro didático consistia em material fabricado, artificial, pouco ou nada comunicativo que escravizaria o professor, limitando e até impedindo sua criatividade. Com o avanço tecnológico, o livro didático adaptou-se melhor às exigências de linguistas e professores, oferecendo não apenas o conteúdo necessário, mas formas lúdicas de aprendizagem, variedades de recursos,

modelos de linguagem eficaz, além de servir, também, como material de treinamento aos professores, principalmente aos menos experientes.

Na década de 1980, surgiram no Brasil materiais didáticos importados feitos sobre uma base funcional-comunicativa. Hoje em dia, o material didático – refere-se aqui, exclusivamente, ao ensino de língua estrangeira – possui normalmente planejamento e *syllabus* (programa de estudo) muito bem delineados, no entanto, não significa que o mesmo material didático possa ser utilizado com qualquer estudante, uma vez que as prioridades, propósitos, hábitos de aprendizagem de línguas podem variar de nação para nação, ou mesmo entre locais dentro da mesma nação.

Sheldon (1988) reconheceu três explicações primárias por trás da popularização do uso do material didático. A primeira é que elaborar seu próprio material é um processo excessivamente difícil para os educadores; a segunda é que os educadores têm tempo restrito para planejar materiais em virtude de sua atribuição; por último, pressões externas limitam muito os educadores. Consequentemente, lançar mão do material didático é uma forma mais fácil, ágil e efetiva, já que reduz o tempo de organização para aulas e dispõe de exercícios prontos para serem realizados pelos alunos.

Entretanto, a utilização de material didático pode dificultar a capacidade de inovação do professor que o vê como um instrumento de precisão. A respeito disso, Coracini (1999, p. 68) afirma que “[...] o livro didático é compreendido pelos professores como um discurso de verdade, onde ele ocupa um espaço discursivo aceito na escola”.

O material didático, nessa perspectiva, é um conteúdo fechado no qual os significados já são estipulados pelo autor para ser somente identificados pelos educadores e alunos que serão usuários e não investigadores do material. É, portanto, o principal material de acesso ao saber, tanto por parte dos estudantes quanto por parte de educadores que procuram a autenticidade no material e apoio para as suas aulas, podem ser utilizados sem questionamento, como divulgam, equivocadamente, alguns educadores.

Por meio de entendimentos e convicções, o educador pode refletir sobre a eficiência do material didático por meio de um exame das suas sugestões, sistemas e metodologias e dos exercícios e estratégias utilizadas, examinando seu reflexo, no sistema de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, ou seja, não basta ter um bom material se o educador não tem noção da prática pedagógica e das restrições do material didático.

O educador deve ser inovador, inteligente e ter a capacidade de transformar um material que não é bom em algo que pode ser valioso e bem sucedido em suas aulas. Nesse meio tempo, junto com os alunos não podem se tornar dependentes do material didático a ponto de perder sua autossuficiência e discernimento.

Embora todos esses dados sejam fundamentais na hora de escolher o material didático, salienta-se que, regularmente, não é considerada a apresentação de temas sociais. As questões sociais que o material didático apresenta são de importância extraordinária para que o educador possa executar melhor o seu trabalho e o aluno ampliar melhor o conhecimento da língua que objetiva aprender.

Segundo Yang e Cheung (2003, p. 17), os educadores devem se lembrar quando utilizar um material didático de alguns princípios fundamentais, por exemplo:

- a) a ação deve ter uma razão e ser importante, isto é, os alunos devem ser persuadidos a compreender os motivos pelos quais devem realizar tal ação. Assim como, saber o que fizeram no final da atividade;
- b) a ação deve ser genuína, e o que foi ensinado deve ser condizente com a faixa etária, costumes e meio do aluno;
- c) os educadores devem sentir-se à vontade em ajustar os exercícios dos materiais didáticos;
- d) *drills* não devem ser os principais exercícios a ser executados em duplas ou conjuntos, no entanto atividades que façam os alunos usar a língua e as formas que estudaram de maneira coerente;
- e) deve haver atividades variadas.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente que o ensino de qualquer língua estrangeira exige do professor novas metodologias e recursos diferenciados, como motivação para sua aula. O livro didático de inglês como instrumento metodológico propicia a aquisição de competência em Língua Inglesa. O uso deste recurso, associado ao ensino de inglês instrumental em escolas públicas, precisa estar conectado a práticas sociointeracionistas, trabalhando valores e até mesmo a interdisciplinaridade, o que em alguns casos, é efetuado sem um objetivo didático, desvinculado de objetivos culturais e de forma descontextualizada.

Após pesquisas realizadas para que este o presente estudo fosse possível e embasados nos autores mencionados, pode-se afirmar que o livro é um recurso importante para o ensino de Língua Inglesa em sala de aula. Favorece a aprendizagem,

sem negligenciar as exigências dos Parâmetros Curriculares Nacionais, explorando todas as competências estabelecidas – *listening, speaking, writing e reading*.

Uma breve discussão sobre o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) fez-se necessária, a fim de relatar sobre a prática do uso do livro no ensino de Língua Estrangeira. O livro didático se constitui um método pedagógico completo, que além de explorar as competências, faz um apanhado de interculturalidade. Desta forma, o educador deve ver o livro como um método de fácil acesso e ao mesmo tempo rico em recursos.

6-REFERÊNCIAS BIBLIOGRFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTRO, César Augusto. **Produção e criação de livros no Brasil: dos jesuítas (1550) aos militares (1970)** Bibli.CI.Inform, Florianópolis, n.20, 2 sem. 2005. Disponível em: http://www.encontros-bibli.ufsc.br/edição20/6_castro.pdf. Acesso em: 09/05/2015.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: USP, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

CORACINI, M. J. R. F. **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1999.

DEMO, P. **Desafios Modernos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

LAJOLO, Maria. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**, Brasília, ano 16, p.jan./mar. 1996. Disponível em: http://www.inep.gov.br/download/cibec/1996/periódicos/Em_aberto_69.doc. Acesso em: 09/05/2015.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e o Império: Subsídios para a História da Educação no Brasil, 1823 – 1853**. Vol. 1. São Paulo: Cia.Ed. Nacional, 1936.

OLIVEIRA de, Luiz Eduardo Meneses. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)**. Campinas: Unicamp/Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação de Mestrado, 1999.

SHELDON, L. E. Evaluating ELT Textbooks and Materials. **ELT Journal**, [S.l.:s.n.], 1988.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios**. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SOUZA, D. M. Autoridade, Autoria e Livro Didático. In: CORACINI, M. J. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático – Língua Materna e Língua Estrangeira**. Campinas: Pontes, 1999.

SPILMANN, I. A. **O livro didático no ensino de inglês em escolas de idiomas: aspectos lingüísticos e pedagógicos**. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2007.

TOMLINSON, B. Preface. IN: TOMLINSON, B. (ed). (1998). **Materials development in language teaching**. Cambridge: CUP, 2004.

YANG, A.; CHEUNG, C. Adapting Textbook Activities for Communicative Teaching and Cooperative Learning. **English Teaching Forum**, v. 41, n. 3, 2003.

A MOTIVAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Sonia Maria da Fonseca Souza¹, Vyvian França Souza Gomes¹, Gabriela Fernandes Sales de Freitas¹, Patrícia Nascimento de Almeida¹.